



TRABALHO COLABORATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS NO PIBID-UFBA ALFABETIZAÇÃO

Aline Carvalho Nascimento ¹
Anailza de Jesus dos Santos ²
David Santos ³

RESUMO

Este texto é um relato de experiência cujo objetivo é apresentar o trabalho desenvolvido em situações colaborativas de aprendizagem na alfabetização. As experiências fazem parte da vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Alfabetização, com duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal de Salvador, Bahia. O trabalho colaborativo configura-se como prática que favorece o confronto de ideias e amplia as possibilidades cognitivas das crianças. Por meio da troca interação entre colegas, os estudantes aprendem novas formas de resolver desafios, revisam hipóteses e apropriam-se progressivamente de conceitos mais complexos sobre leitura e escrita. A partir de observações, foi possível compreender a dimensão estética e funcional do trabalho em grupo. O referencial teórico utilizado respalda-se na abordagem construtivista psicogenética, no ensino contextualizado e reflexivo por meio de uma metodologia ativa e interativa, na qual as crianças são participantes do processo de aprendizagem, envolvidas em situações de ensino e aprendizagem em que aprendem interagindo com os professores, bolsistas e com os pares, especialmente em situações colaborativas. Observando-se práticas em sala de aula, notou-se que, à medida que se organiza o trabalho colaborativo, obtém-se resultados em dois âmbitos principais: educacional e social.

Palavras-chave: Alfabetização; Trabalho colaborativo; Aprendizagem; PIBID

¹ Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA, alinenasto@yahoo.com.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, anailzajesus@yahoo.com.br

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEBA, davidssc16@gmail.com



INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui-se um dos momentos pedagógicos mais cruciais no percurso educativo, com todos os seus sistemas, regras e complexidades. Nesse processo, metodologias que valorizam o sujeito como agente ativo de sua aprendizagem têm ganhado destaque, em contraponto aos modelos tradicionais de ensino que privilegiam a memorização, a repetição e o papel passivo do estudante.

O presente texto apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do PIBID-UFBA, Subprojeto Alfabetização, em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, em Salvador-BA. Ele focaliza situações colaborativas de aprendizagem com práticas sociais de leitura e escrita, que possibilitam aos estudantes antecipar, verificar, inferir e revisar hipóteses de leitura e escrita e assim, apropriar-se progressivamente do sistema alfabético. A experiência partiu da hipótese de que o trabalho colaborativo favorece não apenas avanços no domínio técnico da leitura e da escrita, mas também implicações sociais e afetivas que enriquecem a aprendizagem dos estudantes ali envolvidos.

METODOLOGIA

O trabalho colaborativo ocorreu nas turmas do 1º ano A e C da Escola Municipal Fonte do Capim, cujo docente é a professora Aline Nascimento. O trabalho colaborativo esteve presente em todos os processos diários da prática pedagógica que vai desde a organização da sala de aula, comunicação, atividades, participação dos/as estudantes nas aulas, ajuda aos colegas, reflexões, discussões, uso do quadro, músicas, relações interpessoais, até rodas de leitura. Este relato de experiência tem como tema central a situação didática de Língua Portuguesa “NA ONDA DOS GIBIS”, cujos conteúdos e objetivos foram:



Objetivos

- Ampliar a apreciação estética da obra lida, desenvolvendo as capacidades de antecipação, verificação e inferência.
- Avançar nas hipóteses de leitura e escrita, refletindo sobre o que se fala e o que se escreve, aproximando-se cada vez mais do registro convencional.
- Produzir e revisar legendas, considerando propósito e finalidade, refletindo sobre o sistema de escrita, a linguagem e a segmentação.

Conteúdos

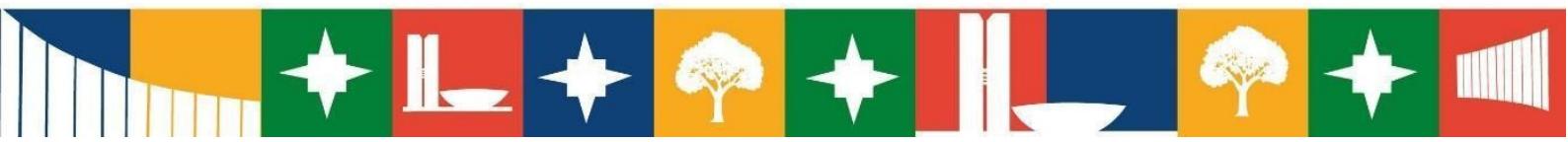
- Apreciação literária, comunicação oral, capacidades de antecipação, verificação e inferência.
- Sistema de escrita, leitura, e localização de palavras.
- Produção de legendas, linguagem escrita e segmentação de palavras.

As turmas foram divididas em trios e duplas e cada grupo escolheu uma personagem da Turma da Mônica para escrever uma legenda com informações sobre ela. Essas informações foram livres, baseadas nos conhecimentos prévios das crianças e, em seguida, realizou-se revisão das legendas para compor um cartaz a ser colocado na parede da sala de aula.



Nesse momento, os trios ou duplas retornaram para acrescentar, corrigir ou reescrever o que havia escrito antes, usando folha de papel e fichas de legenda que seriam coladas no cartaz. As crianças escreveram livremente, conforme sabiam, com supervisão da docente coformadora e dos/das bolsistas. Na sequência, foi solicitada a leitura do que haviam escrito, fazendo um acompanhamento. Em seguida, perguntou-se sobre o que precisariam melhorar na produção escrita para que as pessoas pudessem ler e compreender quando colássemos no mural. As crianças tiveram a oportunidade de reler o que escreveram, dialogar sobre a produção escrita, pensar caminhos para revisão. Assim, tiveram a oportunidade de escrever novamente a partir das observações dos colegas, professora e bolsistas.

À medida que surgiam dúvidas, conversavam entre si até chegar a um consenso, embora, por vezes, pedissem ajuda sobre como escrever certas palavras, em todos os casos, era solicitado que pensassem antes de pedir intervenções. Ao término da reescrita, houve intervenções da docente e bolsistas para orientações de possíveis correções nas legendas. As crianças pintaram as imagens dos personagens escolhidos e, finalmente, montaram o cartaz coletivamente, escrevendo seus nomes ao lado da legenda que tinham produzido.

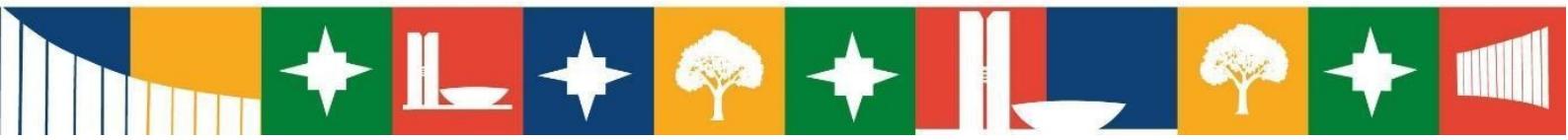




A situação didática evidencia ser de extrema importância que o educador entenda que a aprendizagem colaborativa pode revelar uma riqueza de possibilidades, mas o contexto escolar pode apresentar desafios que exigem organização, planejamento e uma prática pedagógica flexibilizada dos/das docentes. Entre os obstáculos possíveis, podemos citar o espaço reduzido da sala, o clima, a acústica, a agitação da turma. Ou seja, é preciso considerar as questões pedagógicas importantes no trabalho colaborativo, mas também não perder de vista que os desafios, de diversas ordens, acontecem e precisam ser considerados e antecipados no planejamento das situações docentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, no cenário educacional, observa-se um debate recorrente sobre problemas de aprendizagem associados aos métodos de ensino. No contexto da alfabetização, as discussões concentram-se na busca pelo “método mais eficaz”, polarizando-se entre métodos sintéticos, que partem de unidades menores do que a palavra, e métodos analíticos, que têm início na palavra ou em unidades maiores (Ferreiro & Teberosky, 1999/2007). Esses métodos tradicionais, com sua base associaçãoista, valorizam a imitação, a memorização, a repetição,



a fonetização, entre outros, levando a uma concepção reducionista da língua escrita como mera codificação.

Por outro lado, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que, para os defensores do método sintético, “inicialmente, a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica de decifrar o texto”. A escrita é concebida como transcrição da linguagem oral; ler equivale a decodificar o escrito em som. O método seria tanto mais eficaz quanto mais rigorosa for a correspondência entre som e letra (escrita alfabetica perfeita).

Além disso, os métodos tradicionais favorecem o trabalho individual, mecanicista, conteudista, focado em métodos e não no desenvolvimento da aprendizagem do sujeito, que passa a ser receptor passivo, o que pode gerar bloqueios.

Nas décadas de 1970, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e outros intelectuais realizaram investigações significativas fundamentadas nos estudos de Piaget que traziam teorizações sobre como a criança passa de uma situação de menor conhecimento para uma de maior conhecimento. Para Piaget, o sujeito procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e resolve as interrogações que este mundo provoca, dessa forma as autoras contribuem com o estudo afirmam que o sujeito aprende principalmente por meio de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, construindo suas próprias categorias de pensamento, ao mesmo tempo em que organiza o mundo em suas mentes.

Essa concepção de alfabetização valoriza a reflexão, o pensar, o desenvolvimento intelectual, e proporciona uma formação plena que vai além da sala de aula. Nessa perspectiva, a língua escrita é considerada como prática social, presente no cotidiano da criança. Porque

“A escrita é um objeto cultural construído a partir do esforço coletivo da humanidade, com a finalidade de ampliar as formas de comunicação. Portanto, não se pode pensar a escrita e o processo de aquisição da escrita fora das práticas sociais. (ZEN, VALADARES E NASCIMENTO, p. 50, 2025)

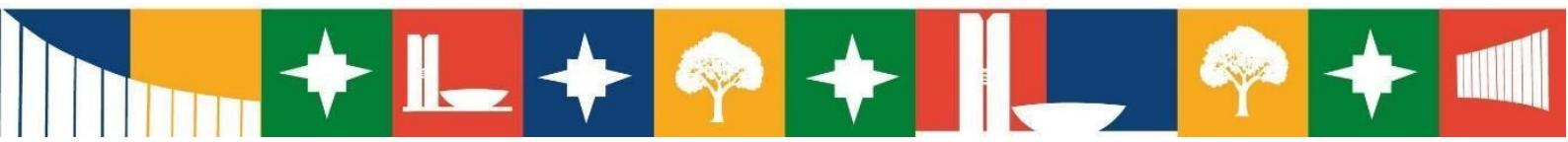
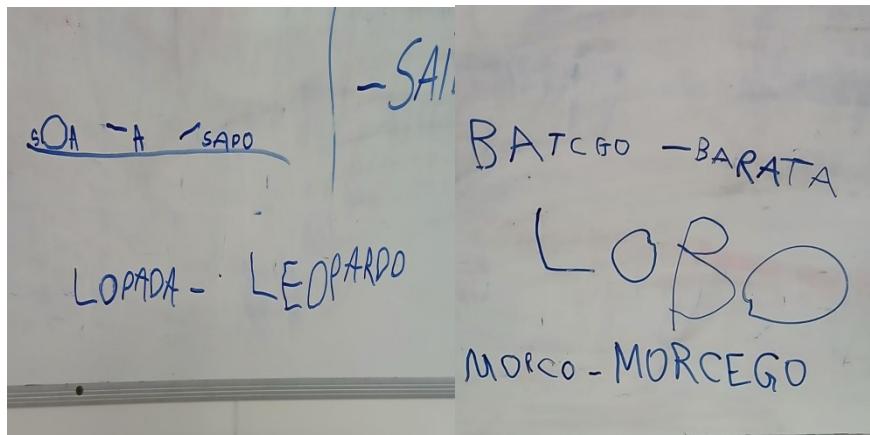
A teoria, voltada para o ensino contextualizado e reflexivo dentro de uma abordagem construtivista psicogenética, também enfatiza a interação entre estudantes como elemento essencial. A aprendizagem colaborativa é uma abordagem pedagógica em que o

conhecimento é construído coletivamente por meio do trabalho em grupo. Conforme Castro (2025, apud Martini & Martini, 2025), diferentemente dos modelos tradicionais de ensino, essa metodologia propõe que os alunos construam ativamente o saber a partir da troca constante de informações, formulação de questionamentos, resolução de problemas e avaliações mútuas, favorecendo um aprendizado mais profundo e significativo.

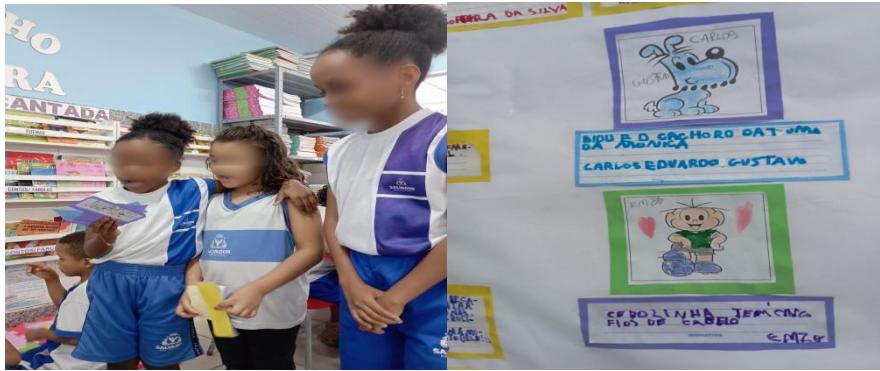
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho colaborativo em sala de aula constitui-se como uma estratégia muito importante para que as crianças avancem em suas conceitualizações. Foi possível observar avanços significativos nas suas produções escritas, no desenvolvimento das crianças, especialmente quanto à organização dos registros e à elaboração de textos. Podemos destacar o empoderamento das crianças quando retomam seus escritos e podem analisá-los na parceria com os colegas e com os professores, sendo autorizados a escrever como podem e a pensar formas de qualificar sua produção tendo em vista interlocutores reais.

Destaca-se também a importância de as crianças terem tranquilidade na produção sabendo que podem errar, pois o erro é visto como parte do processo construtivo de apropriação do sistema alfabetico de escrita. Além disso, a interação entre estudantes promoveu trocas de experiências e construção compartilhada de hipóteses, o que potencializou o aprendizado de leitura e escrita, tornando-o mais significativo.



Nesse sentido, os avanços pedagógicos foram observados dentro da sala de aula, que colaboraram também para as situações interacionais e sociais. A partir do momento em que criamos situações de aprendizagens e condições de interações entre todos os estudantes da turma, estamos oportunizando uma aprendizagem voltada para o sujeito, mas também para o mundo. Entender a si e reconhecer o outro como pertencente a esse mundo, faz com que a colaboração rompa a dimensão pedagógica e caminhe em direção a dimensão pessoal e cooperativa





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui presente confirma que o trabalho colaborativo, quando bem planejado e conduzido, exerce papel decisivo no processo de alfabetização e a partir dele, pode-se concluir que as crianças avançaram de forma consistente não apenas em relação à construção do sistema e da linguagem escrita, mas também em sua capacidade de reflexão sobre o que escrevem, de comparação entre hipóteses, de revisão de suas produções. Igualmente importante foi o aspecto social: o convívio, a troca de ideias, o apoio mútuo, o diálogo entre colegas, colaboração, a escuta, o respeito aos posicionamentos diferentes, contribuíram para fortalecer sua autonomia e sua autoestima no ambiente escolar.

No entanto, os desafios enfrentados — como o espaço físico limitado, o calor, condições acústicas, entre outros — reforçam que a aprendizagem colaborativa depende de estruturas favoráveis, inclusive de adequações logísticas e de formação docente, que por sua vez, só foi possível observar a partir da prática docente da professora e coformadora Aline Nascimento. Recomenda-se que políticas escolares e educativos considerem esses fatores ao promoverem práticas colaborativas, além de investir em formações que aprofundem o entendimento sobre teorias como a psicogênese da língua escrita com abordagem construtivista.

Por fim, este relato de experiência aponta para a necessidade da continuidade da observação e estudos futuros que façam acompanhamento longitudinal dessas práticas, para verificar os impactos no desenvolvimento da leitura e escrita ao longo do tempo, assim como para explorar outras situações didáticas colaborativas que possam enriquecer o repertório pedagógico nesta etapa tão fundamental da educação básica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, com especial apreço, à professora Giovana Zen, coordenadora do Subprojeto Alfabetização do PIBID/UFBA, pela orientação sensível, compromisso com a formação docente e apoio constante ao longo da experiência formativa. À professora Aline Nascimento, docente coformadora, pela escuta generosa, partilha de saberes e abertura ao diálogo, que tanto enriqueceram a prática em sala de aula.



Estendemos nossos agradecimentos às demais professoras coformadoras e aos/as colegas bolsistas, pela colaboração, troca de conhecimentos e parceria durante toda a jornada, fundamentais para a construção coletiva do trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitou esta valiosa vivência pedagógica.

Agradecemos, ainda, à Escola Municipal Fonte do Capim, pelo acolhimento e pela oportunidade de inserção no cotidiano escolar, e às/-aos estudantes do 1º ano A e C, cujas participações e descobertas foram a razão e a inspiração deste percurso.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999/2007.

MARTINI, C. C; MARTINI, F, M.. Aprendizagem Colaborativa: Fundamentos, Estratégias e o Papel da Tecnologia na Educação Moderna. 2019.

ZEN, G.C; VALADARES. D.M.A; NASCIMENTO, A.C. O Processo de Construção do Sistema de Escrita Alfabética pela Criança. Teresina, PI, 2025.